REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

A MUSICOTERAPIA VERDE: UMA PROPOSTA DE ESCUTA DA NATUREZA

GREEN MUSIC THERAPY: A PROPOSAL FOR LISTENING TO NATURE

LA MUSICOTERAPIA VERDE: UMA PROPOSTA PARA ESCUCHAR LA NATUREZA

Lucyene Calmon Bahia Lopes[1], Tayna Bertoldo da Silva[2]

e727281
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i2.7281

PUBLICADO: 02/2026

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo pensar a Musicoterapia Verde, sendo este um método inaugural em construção a partir da escuta dos elementos da Natureza explorando instrumentos sonoros que remetem aos sons dela com diversificações da composição sonora. Este estudo tem como aporte teórico, a teoria da Paisagem Sonora de Schafer (2011) e a Terapia Benenzon (1960) dentre outros pesquisadores da área da Musicoterapia. Refletir e perceber as afecções que o ambiente *in natura* reverbera no corpo infantil, bem como, observar processos de imersão imagético-criativa na terapia são questões que atravessam a pesquisa e relatos de experiência profissional. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa autoetnográfica para fomentar as discussões acerca da influência que o ambiente desperta no fazer terapêutico-criativo da criança na oficina realizada em espaços abertos.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia Verde. Natureza. Escuta. Estímulos Sensoriais

ABSTRACT

The present study aims to reflect on Green Music Therapy, which is an innovative method based on listening to the elements of Nature, exploring sound instruments that refer to its sounds with diversifications in sound composition. This study draws on the theoretical contributions of Schafer's Soundscape Theory (2011) and Benenzon Therapy (1960), among other researchers in the field of Music Therapy. Reflecting on and perceiving the effects that the natural environment has on children's bodies, as well as observing processes of creative image immersion in therapy, are issues that run through the research and reports on professional experience. The methodology used is qualitative and autoethnographic in nature, to encourage discussion about the influence that the environment has on children's therapeutic-creative activities in workshops held in open spaces.

KEYWORDS: *Green Music Therapy. Nature. Listening. Sensory Stimuli.*

[1]Graduada em Pedagogia (UGF-RJ). Pós-Graduada em Administração Escolar (UCAM- Especialização). Pós- Graduada em Neuropsicopedagogia (Censupeg- Especialização). Pós-Graduada em Equoterapia (FACITA- Especialização). Pós-Graduada em Musicoterapia (FACEC- Especialização). Profissional de Saúde (Musicoterapeuta, Neuropsicopedagoga e Equoterapeuta).

[2] Graduada em Licenciatura em Dança (Educação & Saúde - CCS\UFRJ). Especialista em Deficiências Múltiplas e Sensoriais (FUNIP-MG). Especialista em Psicomotricidade Clínica e Escolar (Inst. Líbano-SP). Especialista em Dançaterapia (F. Iguaçu\Educaminas). Especialista em Cultura e História dos Povos Indígenas (F. Iguaçu). Mestra em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE-NCE-IQ\UFRJ). Doutoranda em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE-NCE-IQ\UFRJ). Profissional de saúde Dançaterapeuta e Terapeuta Psicomotricista.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

RESUMEN
El presente trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la Musicoterapia Verde, un método innovador en construcción basado en la escucha de los elementos de la naturaleza, explorando instrumentos sonoros que remiten a los sonidos de la misma con diversificaciones de la composición sonora. Este estudio tiene como aporte teórico la teoría del Paisaje Sonoro de Schafer (2011) y la Terapia Benenzon (1960), entre otros investigadores del área de la Musicoterapia. Reflexionar y percibir los efectos que el entorno natural tiene en el cuerpo infantil, así como observar los procesos de inmersión imaginativa y creativa en la terapia, son cuestiones que atraviesan la investigación e informes de experiencia profesional. La metodología utilizada es de naturaleza cualitativa y autoetnográfica para fomentar el debate sobre la influencia que el entorno tiene en la actividad terapéutica y creativa del niño en el taller realizado en espacios abiertos.

PALABRAS CLAVE*: Musicoterapia Verde. Naturaleza. Escucha. Estímulos sensoriales.*

INTRODUÇÃO

A Musicoterapia Verde nasce do olhar da Teoria da Paisagem Sonora de Schafer (2011), no entanto, o termo Musicoterapia Verde é cunhado pela musicoterapeuta Lucyene Calmon (autora principal) que cria um método de trabalho e de estudo enquanto profissional de saúde levando em consideração a importância do ambiente *in natura* para o desenvolvimento da criatividade musical e habilidades afetivas, cognitivas, socioemocionais.

Desdobrando-se a partir de estudos de teóricos da Musicoterapia e com base nas experiências profissionais clínicas criei uma metodologia própria de trabalho e estudo que compreende os seguintes aspectos: Escuta; Imitação e Criação.

A escolha do presente tema se deu a partir de uma análise social ao perceber que as práticas clínicas em ambientes fechados estavam delimitando o fazer criativo, sensível e terapêutico da criança. Visto que, o contato com a natureza possibilita ricas experiências sensórias-motoras, expressivas, onde a criança possa ir ao encontro a sua liberdade de ser, de se movimentar e de criar. Nesse sentido, a Musicoterapia Verde vem como proposta de terapia a sensibilizar os corpos e provocar novas possibilidades de sentidos. Esse estudo tem como objetivo fomentar a área da Musicoterapia, com ênfase na Musicoterapia ao ar livre, chamada de Musicoterapia Verde que é um ramo pouco explorado e aprofundado nesta área profissional e acadêmica. Também, visa publicizar com a finalidade de ser lido, consultado e utilizado como artigo de referência acerca deste campo de estudo, que traz reflexões teóricas acerca do tema e propostas terapêuticas de trabalho a serem partilhadas.

Este estudo foi sistematizado a partir de percursos metodológicos vivenciados na Musicoterapia chamados de Escuta, Imitação e Criação. A Escuta se refere a atenção aos elementos da natureza que são ar, água, fogo, terra, plantas, animais e outros que podem proporcionar um relaxamento, estado de alerta, estado de deleite etc. Sendo a escuta não reduzida ao ato de ouvir somente, mas o sentir e perceber o que o cerca e reverbera no corpo.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A oportunizar a atenção plena, em que se trabalha acuidade auditiva e a discriminação dos diferentes timbres que a natureza oferece ricamente. Dessa forma, a Escuta em seu sentido mais amplo e profundo faz com que o sujeito se conecte com suas emoções, sensações, sentimentos, memórias afetivas, histórias, que crie narrativas fora da ótica linear encaixotada.

A Imitação visa buscar um instrumento musical, ou até mesmo a voz que possibilite aproximar o sujeito com o som executado pela natureza externa. Alguns instrumentos musicais foram produzidos exatamente para imitar, como por exemplo, o apito de pios de passarinhos, o reco-recos do sapo, pau de chuva e muitos outros que trazem essa conexão do espaço externo com o espaço interno do humano. No entanto, instrumentos que não foram criados para imitação, podem ser utilizados para tal fim, como o tambor, usado também para trazer o som dos batimentos cardíacos. A terceira possibilidade é criar com as próprias crianças instrumentos sonoros a partir de artefatos encontrados no ambiente in natura como gravetos, sementes, folhas, pedras e afins.

No que tange à Criação, esta corresponde ao fazer criativo sendo um convite a criar sua própria música a partir do som que o indivíduo se vê apto a produzir. O exercício de Escuta e de Imitação realizados a priori da Criação promove uma conexão entre o eu interior e o ambiente que o cerca trazendo possibilidades de emergir as memórias sonoras contidas desde a vida intrauterina.

No âmbito da Paisagem Sonora, Schafer (2011) chama a atenção para a diferença entre os sons da Natureza e os ruídos da paisagem urbana, do mundo contemporâneo que começa a nascer na pós-Revolução Industrial. A Musicoterapia Verde vem propor que o retorno à escuta da Natureza e do ambiente ao ar livre possa trazer benefícios à saúde e ao bem-estar do indivíduo contrastando e interseccionando com as sessões terapêuticas que são realizadas em espaços fechados (consultórios) e espaços reduzidos.

A escuta ao ar livre, de tudo que nos cerca, requer atenção, avaliação, envolvimento, dentre tantas outras habilidades sociais. Assim como também, vai exigir silêncio e esvaziamento da mente corpórea de acúmulos sensoriais dispersados em ambientes ruidosos, tal qual em uma meditação. Conseguir identificar o coaxar do sapo, dentre o barulho do vento, cricrilar dos grilos e canto dos pássaros é uma tarefa que se consegue com treino e constância no desenvolvimento da percepção e discriminação auditiva, tão importantes no processo do desenvolvimento global da criança.

A imitação do elemento sonoro escolhido, através de um instrumento musical é o fazer som. Todo ser humano é capaz de produzir som, porém alguns não descobriram ainda. A Musicoterapia Verde quer incentivar e desenvolver as habilidades musicais do indivíduo, através da ludicidade e da possibilidade criativa contida no ser humano.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

Através da terapia, o sujeito pode se descobrir capaz de se comunicar, comunicar sua dor, sua ideia, seu comportamento, ser escutado e legitimado em suas expressões possíveis. A Musicoterapia Verde, portanto, é um território de pesquisa e de campo profissional que está sendo construído aos poucos e sendo sistematizado para investigar novas configurações e estratégias de saúde para dar visibilidade e aproximação de uma terapia que se acerca de tecnologias ancestrais abordando aspectos como Escuta, Imitação e Criação. Tendo em vista, que não foram localizadas publicações a respeito do tema, o presente artigo se torna uma produção que possa ser lida, consultada e compor acervos de pesquisa.

Assim, ao longo do desempenho profissional e execução da sessão terapêutica em forma de oficina ao ar livre, surgiram questões iniciais: O que é compreendido por Musicoterapia Verde? Quais as interfaces da Musicoterapia com a Musicoterapia Verde? Tais questões partiram de uma inquietação que sucedeu a descrever a experiência tida e observada para com crianças.

A Musicoterapia enquanto área da saúde precisa integrar o sujeito em direção às suas melhorias e prezar pela qualidade em diferentes eixos da corporeidade humana e não se restringir a modelos enrijecidos “de modo a deslocar a atenção da perspectiva estrita do adoecimento para o acolhimento de suas histórias e condições de vida” (PNPS, 2017, p. 8).

De acordo com a Política Nacional de Promoção de Saúde (PNPS, 2017):

> No âmbito da atenção e do cuidado em saúde, a integralidade na promoção da saúde passa a ser uma estratégia de produção de saúde que respeita as especificidades e as potencialidades na construção de projetos terapêuticos, de vida e na organização do trabalho em saúde, por meio da escuta qualificada dos trabalhadores e dos usuários, de modo a deslocar a atenção da perspectiva estrita do adoecimento para o acolhimento de suas histórias e condições de vida. (PNPS, 2017, p. 8).

Em especial a Musicoterapia Verde faz com que o sujeito se desconecte dos espaços ruidosos e das interferências de dispersão sejam elas celulares, barulhos de sirenes, buzinas, máquinas, e muitos outros ruídos, para justamente se conectar com o próprio corpo, com a respiração, com o espaço, ampliar o campo de visão, de escuta ativa, de percepção e cinestesia.

MÉTODOS

O presente estudo tem como metodologia qualitativa autoetnográfica. A autoetnografia é uma metodologia que possibilita a pesquisadora analisar a experiência do outro e a própria para compreender aspectos sociais, culturais, relacionais, ambientais, afetivos em sua amplitude conectando o individual ao coletivo através da escrita que pode ser elaborada de múltiplas formas. Tendo como principal característica conexão pessoal-cultural; subjetividade e emoção; reflexividade múltipla; gênero e formato; foco cultural e afins.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Pensar a autoetnografia para o estudo da Musicoterapia Verde possibilitou discorrer observações, percepções e perspectivas amplas sobre a relevância desta terapia e suas atuações benéficas no desenvolvimento infantil perpassadas pela subjetividade, criatividade, expressão corporal e organização da mente corpórea. O estudo foi desenvolvido a partir de uma experiência de atendimentos musicoterapêuticos ao ar livre durante o ano de 2025, com crianças de três a dez anos.

MUSICOTERAPIA VERDE: SOM, CORPO E IMAGINAÇÃO

A prática de saúde ao ar livre teve como público-alvo crianças na faixa de etária de cinco a dez anos acompanhadas de seus responsáveis (1ª oficina – Parque Botânico) e pelas professoras (2ª oficina – Espaço Escolar). Com duração de uma hora para cada grupo em dias diferentes. Inicialmente foi proposta uma roda em que as crianças se sentassem na grama em volta dos instrumentos musicais (Apitos de Pios, Reco-recos, Ganzás, Paus de Chuva, Tambor Oceânico, Tambor de Língua, Clepsidra, Tubos Sonoros, dentre outros que remetem a sons da natureza). A proposta era perceber qual som eles escutavam e buscar entre os instrumentos dispostos àquele que representasse o som escutado. Nesse momento uma canção autoral foi cantada, música - “Olha só o que eu vi nesse jardim!” (Compositora musicoterapeuta Lucyene Calmon).

A atividade musical consistia em evocar o toque do instrumento a partir da palavra cantada na música. Exemplo: “Olha só o que eu vi nesse jardim, um Passarinho olhando para mim!”. Neste momento, as crianças que estivessem com os apitos de pio tocariam acompanhando dessa forma a canção e assim sucessivamente com todos os instrumentos distribuídos às crianças. Após esta atividade, elas foram convocadas para tocarem seus instrumentos todas de forma uníssona fazendo um grande barulho no jardim. Para logo, retornar ao silêncio a uma nova escuta e assim a troca de instrumentos entre elas. Essa mudança de mediador sonoro foi feita por mais duas vezes sempre alternando entre o ruído extremo e o silêncio para um planejamento de um novo som. Em seguida foram trazidas pelas crianças músicas do Cancioneiro Popular que falam sobre outros bichinhos que não tinham sido retratados na prática musicoterapêutica. Finalização com uma música que dava tchau para os animais enquanto cada uma guardava o instrumento musical que estivesse ao seu alcance.

Algo que Schafer (2011), elucida em seus escritos é o resgate da memória afetiva a partir da experienciação coletiva atravessada pelo livre brincar e criar que a própria criança em sua plenitude e marco temporal “aión”[1] reverbera em sua natureza humana.

[1] Refere-se ao tempo sagrado e eterno, é o tempo cíclico e imensurável, nem começa nem termina. Relacionado ao tempo da criança em que ela se deleita no processo do brincar sem se preocupar com o início e o término da brincadeira.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

Sendo assim,

> É possível que todas as memórias sonoras se tornem romances. E, quanto mais rapidamente novos sons nos são lançados, mais seremos impelidos para as fontes da memória, imaginando os sons encantados do passado, suavizando-os em fantasias de paz. (Schafer, 2011, p. 254)

A percepção por vezes de algumas pessoas é a que a terapia deve se limitar a um consultório fechado entre as quatro paredes. Entretanto, a música pode levar ao desejo de expandir o corpo, correr, dançar, sair da sala, sobretudo ao explorar instrumentos sonoros que remetem a sons da natureza, como a chuva, o vento e outros. Diante disso, a oficina de Musicoterapia Verde se propôs a trazer o encontro com a natureza em espaço livre e com a escuta de sons reais torna-se possível se conectar ao movimento natural que o próprio corpo solicita para criar dentro do espaço terapêutico.

PAISAGEM SONORA NA MUSICOTERAPIA VERDE

Em todos os cantos da Terra, todos os povos já ouviram o barulho da chuva. Mas para cada um, a chuva soou de maneira diversa. Para uns, a chuva é bênção, para outros, castigo divino. Para uma criança, a chuva diverte e chama para brincar lá fora, para um desabrigado, a chuva assusta e o faz procurar um lugar coberto. O som é o mesmo. A escuta é diferente para cada indivíduo. Dispositivos Sonoros in natura são e sempre foram utilizados por povos originários desde muito tempo, em ritos sagrados, celebrações, festas, além de extrair matérias-primas da terra para fazer bioconstruções.

A Natureza nos comunica algo, todo o tempo. Saber escutar a Natureza foi uma habilidade que o ser humano teve que aprender, à custa de sua sobrevivência e adaptação ao meio ambiente. Schafer fala que: “Quando o homem estava com medo dos perigos de um ambiente inexplorado, todo o seu corpo se convertia em um ouvido.” (Schafer, 2011, p. 45)

O ser humano, com seu ímpeto de descobrir, desvendar, desbravar, foi aprendendo, não só a sobreviver e se adaptar, mas a conhecer e ler de forma cada vez mais aprimorada, os sons da Natureza, acostumando-se a escutar a Paisagem Sonora. Schafer traz reflexões relevantes acerca da relação do ser humano com os sons da Natureza. Aponta que:

> Quando os homens viviam quase sempre isolados ou em pequenas comunidades, os sons não se amontoavam, eram rodeados por lagos de quietude e o pastor, o madeireiro e o fazendeiro sabiam lê-los como indícios das mudanças no ambiente. (Schafer, 2011, p. 72)

Portanto, chegou um tempo que o homem não conseguiu mais, com tanta clareza, apurar seus ouvidos. Chegou um tempo de máquinas e indústrias e barulhos tão artificiais, que o ser humano deixou de confiar nos seus ouvidos, abandonando aos poucos a face da Natureza na Paisagem Sonora.

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

A Musicoterapia Verde é a proposta de reaprender a escutar a Natureza e com ela cantar e tocar a música que ela nos incita a compor. Propõe Schafer, “Deixemos a natureza falar com suas vozes próprias e autênticas” (Schafer, 2011, p. 343).

ESCUTAR A NATUREZA: O SILÊNCIO, O CAOS, O EQUILÍBRIO

A escuta da Natureza, o tocar com ela, o encontro entre ser humano e o seu meio ambiente, a busca pela essência do indivíduo. Isso caracteriza a Musicoterapia Verde: a escuta do que a Natureza nos comunica. Os seus elementos, como as águas, o canto dos pássaros, materiais que podem ser moldados, como terra, madeira, pedras, plantas que nos faça recriar e dar vida à nossa imaginação (Schafer, 2011). Para que a escuta aconteça, e a natureza prevaleça em sua comunicação conosco, o autor propõe o silêncio inicial.

Em diálogo com as percepções de Cage (2019), o silêncio faz-se necessário para a verdadeira escuta da Natureza. Ao realizar a oficina Musicoterapia Verde com as crianças, a relação do silêncio precedido ao som fez com que elas se situassem espacialmente no que estava acontecendo para poder imitar aquele som e dar vida a imaginação. Destarte que:

> Ah! Tua mente precisa de alimento. Basta apenas que tu assumas a posição de nada fazer, e as coisas por si mesmas se transformarão. Negligencie o teu corpo; expulse de ti os poderes da audição e da visão; esqueça o que tens em comum com as coisas; cultive uma grande parecença com o caos do éter plástico; liberte tua mente; deixe livre o teu espírito; fique parado como se não tivesse alma. De todas as variedades de coisas, todas elas voltam às suas raízes, sem saber que é isso que estão fazendo. Todas estão em um estado de caos, e toda a existência se passa assim. Se soubessem que estão retornando às suas origens, conscientemente deixariam o caos. Não perguntam pelo próprio nome; não procuram desvendar a própria natureza; e desse modo, por si mesmas, as coisas vêm à vida. (Cage, 2019, p. 55)

Cage (2019) evoca um pensar sobre o fazer criativo sem teorizar acerca da prática em si. Logo, é um lançar-se de corpo inteiro a investigação, a escuta sensível, a imaginação, aos sentidos e toda sensorialidade que denotam um saber que sabe na própria experiência (Larrosa, 2002). A sequência, portanto, da Musicoterapia Verde deve ser: Silenciar-se, esvaziar-se e escutar, sem pressa de rotular, os sons que se apresentam, da Natureza para o indivíduo. Cada som deverá imprimir uma sensação, que não deve ser interpretada, apenas sentida. Cada instrumento oferecido trará seu som imitador de cada elemento da Natureza. Tais instrumentos serão escolhidos ainda no plano das sensações e cada canção que nascer dali, será uma canção particular, individual, própria.

Cage (2019), assim como Benenzon (1988) e Schafer (2011) mostram que cada som fundamental do lugar, se mostrará, através do ato da escuta. “Os sons fundamentais podem influenciar o comportamento das pessoas ou criar ritmos que são transportados para outros aspectos da vida” (Schafer, 2011, p. 79).

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Observa-se um processo no pensamento desde Benenzon, passando por Shafer e chegando a Cage, onde esses autores abordam todo o esqueleto da Musicoterapia Verde.

Inicialmente, Benenzon traz a ideia da formação da Identidade Sonora já no feto que consegue perceber e guardar sons que acontecem ainda no útero. Shafer vem complementar essa ideia, mostrando que o ser humano vai se constituir de sons por toda a sua vida, mantendo contato com a Natureza que determina seu comportamento e ações cotidianas. E, também, mostra a perda de si mesmo que o ser humano enfrenta, por não conseguir mais discernir os sons da Natureza, dentre tantos outros sons que se sobrepõe e por esse motivo, propõe o retorno à origem, à escuta, ao silêncio. Então Cage complementa o pensamento de Schafer, mostrando o encontro do ser humano, do caos ao equilíbrio, através desse retorno ao que lhe é original, essencial, que é a sua própria natureza.

ECOAR DA TERRA: INSTRUMENTOS NATURAIS NO PROCESSO MUSICOTERAPÊUTICO

O instrumento musical usado na Musicoterapia é considerado bem mais que um instrumento sonoro. Ele é o que se pode definir como o responsável pela formação de vínculo entre o cliente e o terapeuta e entre o cliente e a terapia. Comumente será através de um estímulo sonoro que o terapeuta vai conseguir chegar próximo do cliente e fazer do seu *setting*, um lugar de interesse. Chamado de objeto intermediário, ele será capaz de intermediar a comunicação não verbal entre cliente e terapeuta, mostrando a esse último, de que formas o cliente pode se apresentar e ser receptivo a ele. (Benenzon, 1988)

É importante perceber que tudo produz som. Quando se percebe isso, qualquer objeto se transforma em um instrumento musical e a Musicoterapia fica muito mais envolvente, lúdica e relevante. Entender que o próprio corpo produz som eleva o ato de fazer som. As palmas das mãos produzem som, o estalar da língua, o estalar dos dedos. Em seguida, o indivíduo descobre o quê e como consegue fazer som com seu próprio corpo, será capaz de tirar som da casca da árvore, do chacoalhar das sementes que caem e até de bambus ocos.

Benenzon (1988) diz que “Cada uma destas, dará constituição ao simbolismo que terá para cada paciente, ou para cada terapeuta; e algumas delas serão o principal detonador do fenômeno de comunicação” (Benenzon, 1988, p. 73).

Sob olhar da Musicoterapia Verde, buscar construir um instrumento sonoro com materiais da própria natureza ou usar instrumentos fabricados com materiais naturais é de extrema relevância, para que o cliente possa se sentir mais próximo do ambiente in natura e nele imerso. Sons de materiais fundamentais, como madeira, osso, pedras, metais, água, além de remeterem aos elementos da natureza como chuva, vento, mares e outros, induzem ao relaxamento por lembrarem sons regressivos ao útero materno.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

Alguns instrumentos com água ou com som de água, como a clepsidra, o pau de chuva, o tambor oceânico, o tambor de aço e outros são instrumentos que remetem à imersão e é muito bom quando usado próximo a lagos ou chafariz, para que o cliente experimente também o elemento água, tocando-a, molhando o corpo ou simplesmente observando o seu movimento.

Na sessão terapêutica ao ar livre com as crianças a experiência que cada uma teve com cada instrumento utilizado proporcionou a imersão em determinado dispositivo sonoro. Nesse momento cada criança viveu, experimentou, pode se imaginar sendo aquele elemento seja ele animal, vento, água, chuva etc.

Schafer (2011) ao falar sobre as águas destaca que: “A chuva, um riacho, uma fonte, um rio, uma cachoeira, o mar, cada qual produz seu som único, mas todos compartilham um rico simbolismo. Eles falam de limpeza, de purificação, refrigério, renovação. (Schafer, 2011, p. 240) Os Instrumentos produzidos para o vento tocar, são muitos. Podem ser de madeira, bambu, metal, e muitos outros materiais que a imaginação permite inventar. Carrilhão de tubos de metal ou bambu podem ser feitos pelo cliente e quando pendurados em uma árvore proporciona sons diversos e prazerosos. Para esse tipo de instrumento, “o homem constrói o instrumento, mas é a natureza que o toca” (Schafer, 2011, p. 346).

Apitos, flautas de êmbolo, flautas e apitos de pio de pássaros fazem, comumente, a alegria das crianças. São barulhentos, estridentes e alegres, assim como os cantos e os pios dos pássaros. Observar os pássaros, que são muitos e com diferentes sons, é uma tarefa trabalhosa, porém agradável. O Trabalho com esse tipo de instrumentos chama a atenção para a respiração, para a intensidade do sopro e autorregulação, além de mostrar a música sendo feita, realmente, pela própria Natureza.

Por fim, os instrumentos feitos de madeira, como clavas, maracas, xilofones, reco-recos, bloco de dois sons, castanholas e outros que são tocados por batidas em sua superfície ou atrito, soam um som natural, primitivo e orgânico. Tal som traduz o que o indivíduo traz em sua essência, captado na força aplicada, na forma catártica de tocar. (Benenzon, 2008)

A escolha de cada um desses instrumentos citados se deu de forma livre e inconsciente por cada indivíduo, em cada sessão, dependendo do momento da terapia, do encontro com a Natureza e com o terapeuta. Os elementos da Natureza que vão chamar atenção naquela situação, o som escutado naquela hora, a emoção que cada um estará experienciando naquele período, tudo isso somado ao vínculo entre cliente e terapeuta e sua relação com a terapia são variáveis únicas, mas que deixarão um marco sonoro nessas vidas.

> Desta maneira o instrumento se converte em um objeto que permite ao paciente ou ao musicoterapeuta adequar-se ou adaptar-se aos fenômenos transferenciais e os contratransferenciais que se desenvolvem na relação vincular entre ambos. (Benenzon, 2008, p. 37)

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ponderações trazidas pelos participantes da Musicoterapia Verde foram agrupadas respeitando-se as designações Clientes/Pacientes norteando com “P1” para participante um (1), “P2” para participante (2) e assim sucessivamente. Respostas Livres:

P1 diz que ouve muitos passarinhos, enquanto escolhe um apito de pio. P2 o acompanha, buscando outro apito de pio e seguem tocando juntos, levando outros a fazerem o mesmo. Intervenho começando a cantar a música que evoca um a um a pronunciar seu som e imediatamente eles entendem, sem que precise ser dito, que haveria a hora certa para que tocassem seus apitos.

Em outra ocasião, P3 mostra interesse inicial no Pau de Chuva e quando proponho que troquem de instrumentos, ele demonstra apego e demora a soltar o instrumento para que outro pegue. P3 então, procura outro instrumento dentre os dispostos, com som similar ao Pau de Chuva, tocando o Ganzá e depois em outra troca, o Caxixi. Ao final da oficina, P3 vem a mim e pergunta qual o nome do primeiro instrumento. Respondo que é Pau de Chuva. Ele diz que quer fazer um quando chegar em casa. Digo-lhe que pode tentar com alguns materiais caseiros como rolo de papel toalha e arroz. P3 demonstra satisfação com meu incentivo. Em seguida P4 começa a falar dos instrumentos que tem em casa, como violão, guitarra, bateria etc., demonstrando interesse pelo fazer musical e iniciando ali uma tentativa de vínculo paciente x terapeuta. P5 pergunta ao final do atendimento, se pode ir a outras oficinas e levar seus vizinhos com ele. Digo que sim, e ele sai alegremente, também evidenciando uma tentativa de vínculo.

Em todas as oficinas/sessões terapêuticas, o movimento inicial de todos fazerem barulho juntos, entendendo posteriormente, ao ouvirem o canto, que havia uma ordenação para os sons, aconteceu independente da faixa etária dos grupos, evidenciando o poder da linguagem musical e a possibilidade de criação e habilidade musical natural do ser humano.

CONSIDERAÇÕES

Em vista dos aspectos observados, trata-se, portanto, de apresentar o pensamento e método em construção da Musicoterapia Verde cuja proposta é realizar atendimento ao ar livre, fazendo uso de instrumentos sonoros elaborados com elementos naturais e fazendo caminhos de vivências pela Paisagem Sonora cuja finalidade é promover uma escuta sensível que perpasse aspectos integrais de saúde da corporeidade humana.

Através da experiência sonora é possível abrir canais de sensibilidade e criatividade humana além de ser um viés que possibilita alcançar espaços internos do corpo a aproximar o sujeito dele mesmo, tendo como sua grande morada a *casacorpo.* Visto que a Musicoterapia, em especial a Musicoterapia Verde é uma terapia baseada na experienciação sonora cujo contato maior é a relação do sujeito, com os timbres, ritmos, frequências, emoções, percepções, conexões entre o espaço, o outro e o próprio corpo.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A experiência das crianças na oficina de Musicoterapia Verde resultou na importância de mostrar as narrativas produzidas por meio de interações espaciais e sonoras, memórias afetivas, das subjetividades individuais e coletivas, das ressignificações do sentir e do fazer musical em prol da saúde. Nesse contexto, a presente pesquisa acerca da Musicoterapia Verde se mostra pioneira enquanto processo metodológico e área de campo que por meio da abordagem autoetnográfica mostra que é possível sustentar uma teorização prática do que se entende por Musicoterapia e Musicoterapia Verde, bem como, suas implicações na saúde e bem-estar e espontaneidade criativa e distinção entre a Musicoterapia Ecológica.

REFERÊNCIAS

BENENZON, Rolando. **Teoria da musicoterapia:** Contribuição ao conhecimento do contexto não verbal**.** 3. ed. São Paulo: Editora Summus, 1988.

BENENZON, Rolando. **La Nueva Musicoterapia.** 2. ed. Buenos Aires: Lumen, 2008

BERTOLDO, Tayna; MARTINHON, Priscila; SOUSA, Célia; SIMÕES, Grazieli. Conexão com a terra: A influência do ambiente nos estados psicofísicos. *In:* VIII **Encontro Nacional de Ensino de Ciências, da Saúde e do Ambiente – ENECIENCIAS**. Rio de Janeiro: UFRJ Macaé, 2024.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. Tradução: Mariza Velloso Fernandez Conde. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CAGE, John. **Silêncio**. Tradução: Beatriz Bastos, Ismar Tirelli Neto. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

COCCARO, Luciane. Autoetnografia da pedagogia Estados Corpóreos de (re)criação em dança contemporânea. *In:* Anais do **VII Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança**. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2022.

EARP, Helenita Sá. **Fundamentos Filosóficos, Científicos, Artísticos e Educacionais da Dança**, Rio de Janeiro: manuscrito, s. d.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Espaços Verdes e Azuis e Saúde Mental**. [S. l.]: OMS, 2021.

SCHAFER, R. Murray. **A Afinação do Mundo:** uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Tradução: Marisa Trench Fonterrada. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

TV CELINAUTA. **Tv Total:** Terapia Benenzon. [S. l.]: TV CELINAUTA, 2025. 1 vídeo (06h54min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BBZlf6TkNo0 Acessado em: 17 dez. 2025.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.